



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O FEMININO E O IMAGINÁRIO NOTURNO NA OBRA DE ADÉLIA PRADO

Maria Amélia Anízio da Paz Vasconcelos

Universidade Estadual da Paraíba

amelia.paz_letras@hotmail.com

Resumo: A sociedade desde os tempo remotos consolidou imagens que forma e tornando símbolos e povoaram o imaginário das pessoas. Um desses arquétipos que vem se cristalizando ao longo do tempo é o que está relacionado à definição de sujeito e ao se papel social. Diante dessa definição do que se espera de um ser dentro do meio no qual vive, tomamos como suporte de estudo o livro *A duração do dia* (2010) da poetisa Adélia Prado, para observarmos como a imagem do feminino aparece em seus textos, imagem esta arraigada aos elementos do imaginário noturno proposto por Gilbert Durant.

Palavras-chaves: Feminino, imaginário noturno, Adélia Prado.

Introdução

A sociedade atual está pautada em arquétipos já estabelecidos que definem a noção dos gêneros feminino e masculino, ou tenta definir, estabelecendo regras que devem ser seguidas e que não devem ser...

Tomando por base essa concepção de gênero feminino/masculino, o presente trabalho tem como objetivo analisar a composição poética de Adélia Prado na obra *A duração do dia* (2010). Tendo como foque de análise, os símbolos e as imagens poéticas que se conjugam para a formação do imaginário de identidade relacionado ao gênero feminino.

A sociedade sempre impôs regras aos seres humanos. Estas que devem ser seguidas como um verdadeiro padrão e que o “fugir dessas regras” é visto pelas outras pessoas com



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

maus olhos. Mas será que temos que realmente anular nossa identidade em detrimento de tais imposições? Quem estabeleceu tal padrão tinha ou tem o direito de interferir na maneira de viver e de ver o mundo das outras pessoas?

De acordo com esse pensamento, os estudos atuais sugerem uma reflexão sobre identidade, no qual cada pessoa possui seus próprios princípios e sua maneira de ser e agir, então, como estabelecer um padrão para esses seres tão diferentes em sua essência?

Para o desenvolvimento desse estudo partimos da concepção de Foucault sobre sujeito e identidade, haja vista, sua contribuição para a área em estudo é de suma importância, pois as pessoas, na sua maioria, não conseguem observar o outro sem se distanciar do “eu”. Isso se dá por que não conseguimos vê subjetividade nos outros, procuramos nas pessoas aquilo que queremos e não o que realmente elas são. Dessa forma, não aceitamos a singularidade dos indivíduos ao nosso redor, por isso que chega a ser difícil a aceitação de características diversas encontradas em nossa sociedade, como diferenças de raça, de opção sexual, de classe, religiosa, entre tantas outras.

Ao olharmos para a concepção de sujeito, iremos encontrar a ideia trazida por Foucault de que a sociedade mascara o indivíduo de acordo com a situação social na qual se encontra, é nesse momento que vamos ter a presença de vários sujeitos, dependendo da intenção na qual se encontra o indivíduo. Dessa maneira, o sujeito vem a ser um sujeito mascarado, que vai mudando de fase de acordo com a exigência social na qual se encontra.

Hall nos mostra que, sendo o sujeito um ser social, este vem sofrendo mudanças devido às transformações sociais ocorridas nos últimos dias. O sujeito é o reflexo da sociedade em que vive e com essa crise a qual a sociedade vem passando, isso interfere na maneira de ser e de agir das pessoas, causando certa crise de identidade nos cidadãos.

Adélia, escritora mineira, ainda adolescente escreveu seus primeiros versos. Sua obra possui uma característica única ao se referir ao cotidiano, não que essa referência seja novidade, pois muitos escritores já haviam explorado tal poetização, contudo, Adélia atribui um tom inovador a essa poetização, como também atribui certa sensualidade a questão religiosa, o que faz o diferencial de sua obra.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Outra questão marcante na obra Adeliana é o feminismo, uma vez que ela traz para os seus poemas a defesa dos direitos da mulher, como podemos ver nos seguintes versos de seu primeiro livro *Bagagem* (1975) “Quando nasci um anjo esbelto,/ desses que tocam trombeta, anunciou:/ vai carregar bandeira./ Cargo muito pesado para mulher,/ esta espécie ainda envergonhada.” Nesses versos podemos ver que a poetiza se impõe como mulher, mostrando o seu valor, embora não reconhecido. Esse valor é reforçado pela paródia clara com os versos de Carlos Drummond de Andrade “Quando nasci,/ um anjo torto/ desses que vivem na sombra/ Disse: vai Carlos!/ ser “gauche” na vida.” Dessa forma, podemos perceber que o diferencial da obra de Adélia Prado é dizer verdades que até então não foram ditas por outros poetas, de maneira bem pessoal e espontânea.

Metodologia

Como mencionado, esse trabalho tem como objetivo identificar arquétipos femininos presentes na poesia de Adélia Prado, especificamente na sua última publicação em versos, na obra *A duração do dia* (2010). O embasamento teórico se dá, principalmente, baseado na concepção de imaginário trazida por Gilbert Durand. Além de fazer um levantamento a respeito da questão do sujeito feminino trazido por Foucault. Buscando, dessa maneira, levantar conhecimentos acerca da imagem que se cria do sujeito relacionado à identidade feminina na obra de Adélia Prado.

Resultado e discussão

No mundo pós-moderno, o sujeito é um ser que está em constantes mudanças, devido às diversas transformações sociais, o que o distancia de qualquer ordem e linearidade, fazendo com que o mesmo perca algumas de suas características mais íntimas e pessoais. Dessa forma, ele se transforma em um eterno descobridor de seu próprio interior. Então, por que falar de uma identidade única, padrão, aquela imposta por uma classe social dominante?



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Assim, como o mundo está em constantes transformações, o sujeito que vive nesse contexto não poderia ser diferente, o mesmo está sendo atrelado por diversas mudanças e transformações. Isso ocorre por que o sujeito está sendo totalmente influenciado pelo mundo e suas concepções, assim, a identidade está se transformando em algo móvel, ela está deixando de ser fixa e permanente.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. (Hall, 20:3, p. 29)

Como já foi dito, no mundo pós-moderno os sujeitos vivem em constantes transformações, isso se explica pelo fato da dinâmica social na qual estamos inseridos. Assim, os estudiosos voltaram à atenção para uma questão até então pouco explorada, que é a relacionada à identidade. Até certo tempo atrás, acreditava-se que o sujeito era um ser acabado e moldado por uma sociedade para viver como esta mesma sociedade ordenava. Não se havia uma preocupação ao que se refere às características individuais de cada ser, contudo foi-se percebendo que os seres não são idênticos, nem fisicamente nem psicologicamente, daí surge à necessidade de observação das identidades.

E o que viria a ser identidade? A primeira resposta a essa indagação está relacionada ao fato ligado a negação, uma vez que, para se responder o que viria a ser identidade, temos, que saber o que não é, por causa disso, a identidade é construída mediante um contraste. “Eu sou o que você não é”. Para o sujeito se constituir como eu, ele tem que antes, identificar o tu. Dessa forma, a definição de identidade não está naquilo que se é, e sim, naquilo que não se é:



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

As afirmações sobre a diferença também dependem também dependem de uma cadeia, em geral oculta, de declarações negativas sobre (outras) identidades. Assim, como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis. (SILVA, 2013, p. 64)

Sendo constituída dessa maneira, a identidade está relacionada com a relação de poder. Uma vez que, para se afirmar uma identidade através da diferença tem que se fazer distinção entre o que é o que não é, acarretando na inclusão e exclusão, na demarcação de fronteiras, na classificação, na normalização. Assim, você só passa a existir, no momento que eu me afasto e omito a minha presença, havendo uma estrutura de oposições binárias.

Nesse momento, podemos ver de maneira clara a normatização social, culturalmente, estamos sendo instruídos a aceitar apenas o que é igual, não aceitamos ou não buscamos compreender o nosso diferente. Porém se a identidade e a diferença estão interligadas, nós só possuímos nossa identidade, por que existe o que vem a ser diferente.

Na medida em que é uma definição de diferenciação, de produção de diferença, o anormal é inteiramente constitutivo do normal. Assim como a definição da identidade depende da diferença, a definição do normal depende da definição do anormal. Aquilo que é deixado de fora é sempre parte da definição e da constituição do “dentro”. (SILVA, p. 68, 2013)

Então para sermos construídos temos que desconstruir, um problema muitas vezes encontrado, no que se refere à questão de identidade, é a não aceitação desse ser diferente, indispensável para a nossa existência. É comum, as pessoas não quererem sair de seu



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

“mundinho” para adentrarem no “mundo” dos outros, ou até mesmo tolerar esse mundo muitas vezes de características antagônicas ao seu.

Essa questão de sujeito/identidade no nosso mundo ocidental está atrelada aos conceitos e diferenciações de feminino e masculino, havendo representações cristalizadas sobre essa questão do gênero. Para analisar essa questão de imagens do feminino, partiremos da concepção de Durant sobre imagem, imaginário e símbolo, uma vez que os homens imaginam arquétipos e por meio dessa imaginação, nós temos os símbolos e seus significados.

Essa concepção da imagem do feminino, a que no momento nos interessa mais, está altamente atrelada à simbologia cultural, uma vez que o simbólico corresponde à representação e expressão do imaginário. Pitta (2005) ao nos falar sobre a relação entre o imaginário e a cultura para Durant, nos afirma: “Mas para Durant, esses sistemas simbólicos não são independentes, pois decorrem de uma visão de mundo específica, imaginária, que é própria da cultura”.

Dessa maneira, podemos observar a questão da imagem do feminino trazido pela obra *Adeliana*, imagem bastante ligada ao arquétipo religioso, o que se relaciona à questão de Durant trazer a imagem do feminino relacionada ao mítico místico, envolvendo a imagem da mulher em toda uma simbologia noturna de mistério.

Tomando como exemplo o poema *Da mesma fonte*, podemos observar alguns elementos que se encaixam perfeitamente no imaginário noturno e místico de Durant.

Da mesma fonte

De onde vens, graça que me perdoa
desta tristeza,
desta nódoa na roupa,
da seiva má do sangue,
da pele rachada em bolhas.
De onde vens, certeza
de que um pouco mais de açúcar
não fará mal a ninguém.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O orgulho fede como um bom cadáver,
minha cerviz é dura,
mais duro é vosso amor, deus escondido
donde jorram tormentas, minha nuca dobrada a este repouso
e esta alegria.

Nesse poema de Adélia é perceptível duelos entre graça e pecado, entre perdão e condenação. Numa primeira leitura, já podemos observar, a questão da cor vermelha como uma nódoa, esta que, por sua vez, está interligada ao ciclo menstrual feminino, este que por muito tempo foi visto como sinônimo de impureza, de pecado, o que fazia da mulher um ser inferior, mas que na verdade, ele representa a própria vida, simboliza que o corpo da mulher está pronto para gerar outro ser dentro dele, fato que imediatamente nos reporta à imagem do útero, lugar escuro, mas de proteção, de aconchego.

Ao olharmos mais nitidamente para os quatro primeiros versos do poema em estudo perceberemos que o eu-lírico passa por um momento de angústia, de pecado, este que é perdoado por uma força maior, *De onde vens, graça que me perdoa*; por meio desses versos, já podemos remeter à visão social machista, onde a mulher sofre discriminação desde o primórdio dos tempos. O ser feminino tido como pecador, que foge das regras, o que pode ser reforçado ainda mais pela cor vermelha, retomando a cena bíblica da tentação no paraíso, onde Eva, o ser feminino quem cai primeiramente e leva com se, o ser tido como mais forte, o homem, Adão. E essa tentação se dá por meio de um fruto proibido, esse que também faz analogia a cor vermelha, a maçã, que podem ser tidas como símbolos do pecado e da tentação.

No restante do poema, podemos perceber um eu-lírico traçado pela angústia, pela incerteza da vida, pelo medo de morrer que estão atormentando sua vida. Se formos olhar para a Adélia Prado que escreveu tal poema, como uma poetisa que gosta de transferir para o papel elementos de seu cotidiano, vamos nos deparar com a imagem do idoso, muitas vezes tão discriminado em nossa sociedade e que vive por deveras angústias e negações externas e



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

internas, que leva consigo a imagem internalizada do proibido, da morte que se aproxima, esta que gera tormentas e questionamentos.

Essa simbologia da morte, também pode ser vista no poema abaixo:

Epigráfico

A anelante argila
põe brincos de diamante
porque ama a Beleza
e nisto é tenaz,
na fé de sobreviver à morte,
a que não existe.
Pois vêm da vida os mortos
falar à alma que só ela escuta.
Contra o que se sente
toda filosofia é mesmo vã,
o livro é sagrado
quando o que apregoa
é revelado na carne
onde os joelhos vacilam
e os pelos crescem.
Ter medo é saber do inaldito,
ninguém até hoje explica
por que batem as pálpebras.

Nesses versos, como já foi dito, podemos ver a simbologia da morte, do medo que atrelada à imagem do feminino, temos então, a mulher representada pela beleza que está se preparando para a morte, acontecimento esse que tem seu papel revertido pela fé. Como nos afirma Durant, p. 201 “Se a ascensão é apelo à exterioridade, a um para além do carnal, o eixo



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

da descida é um eixo íntimo, frágil e macio.” Por meio do que nos afirma Durant, podemos perceber a morte como uma queda que desencadear na ascensão do espírito. Ainda sobre a morte temos: “... é a própria morte que é invocada contra a morte, numa notável dupla negação religiosa.”

Outra imagem do sujeito feminino que podemos ver em A duração do dia é a que remete a mulher já vivida, a idosa, com suas experiências vivenciadas. Ao nos reportarmos para o nosso meio social, encontraremos um ser que sofre discriminação e preconceitos, pois, além de ser mulher, é idosa. Contudo, em seus poemas, Adélia tenta quebrar essa ideia muitas vezes cristalizada, dando ênfase a essa fase tão bela da vida. Como podemos observar no poema abaixo:

Morte da viúva

Sol com chuva
casamento da viúva
Que de maneira discreta
oferece docinhos.
O noivo não disfarça a pressa
de ficar a sós com a experiente mulher.
É bom ter calma,
até que o último a sair
bata de novo à porta
querendo seu guarda-chuva.
Como de um satélite
que a olhos nus navegava devagar,
vê-se a terra lá embaixo,
rios, campinas, cidadezinhas, torres,
entra dia e sai noite,
uma volta completa.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Lambendo o mel da lua a viúva
ensina o homem a raiar.

Nesse poema, podemos perceber além do sujeito feminino experiente, sujeito esse que toma a frente da situação, passando a ser quem desempenha o principal papel naquele momento. “[...] as grandes deusas que, nessas constelações, vão substituir o Grande Soberano masculino e único da imaginação religiosa da transcendência serão simultaneamente benéficas, protetoras do lar, doadoras da maternidade.” (DURAND, p. 200, 1997)

É a mulher que com sua experiência que causa prazer no homem, ou seja, há a inversão de valores sociais, uma vez que sempre é o homem que é colocado como o produtor de prazeres. Outro elemento em evidência nesse poema é a imagem do mel, elemento contido no imaginário noturno de Durant, que traz as seguintes definições para o mel:

“[...] nas civilizações de coletores o mel é o equivalente natural do alimento mais natural que é o leite materno [...] Leite e mel são doçura, delícias da intimidade reencontrada [...] O símbolo da bebida sagrada está carregado de significações múltiplas, uma vez que está ligado aos esquemas do engolimento e da intimidade.” (DURAND, p. 260, 1997)

“A virtude destas beberagens é ao mesmo tempo criar uma ligação mística entre os participantes e transformar a condição triste do homem. A beberagem embriagante tem por missão abolir a condição da existência e permitir a reintegração orgiástica e mística.” (DURAND, p. 261, 1997)

No poema supracitado, encontramos a imagem nítida do mel, elemento esse intrínseco ao ser feminino e que é causador do prazer, elevando a mulher ao patamar de superioridade em relação ao homem. Tornando-a um símbolo sagrado, atrelado a desejos.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Conclusões

Ao nos reportarmos para a obra de Adélia Prado, mas precisamente para a sua última publicação em versos, nos deparamos com um eu-lírico feminino experiente inserido em um cotidiano social que muitas vezes o trata de maneira discriminatória, contudo, em seus versos, Adélia mostra o outro lado desse ser, fazendo uma viagem, um verdadeiro mergulho pelo interior desse sujeito repleto de incertezas, medos e anseios.

É reportando-se a esses medos e anseios que aparecem muitos dos símbolos presentes na teoria do imaginário de Gilbert Durant, como ele nos afirma “pelo negativo se constitui o positivo, por uma negação ou por um ato negativo se destrói o efeito de uma primeira negação.” (DURAND, p. 203, 1997)

Dessa forma, os poemas em estudo transformam o lado tido como negativo para a sociedade em algo interiormente positivo, encontramos uma mulher que mesmo no auge de seus setenta anos, sente prazer pela vida, consegue transformar o escuro ao qual é exposta sua alma, em luz, em vida. O que significa que já se passou a época da meninice, na qual há uma insegurança, uma necessidade de se sentir protegido por um ser “superior”, no caso, o ser masculino, o homem.

Adélia consegue fazer uma amostragem da verdadeira realidade do sujeito feminino, tido como sexo frágil e inferior, mas que na verdade traz internalizada essa identidade atrelada à força, à vontade de vencer e à vitória.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmum. **Identidade**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2005

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 48 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Tradução de Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DURAND, Gilbert. **O imaginário**. Trad. Renée Eve Levvié. 5. Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade em questão**. In: Sujeito, Cultura e Contemporaneidade. Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares. Vol: 3. Campina Grande: Gráfica União, 2013. p. 38-44.

JUNIOR, Durval Muniz Albuquerque. **Michel Foucault, ou nos tornamos sujeitos**. In: Sujeito, Cultura e Contemporaneidade. Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares. Vol: 3. Campina Grande: Gráfica União, 2013. p. 37-38.

MOLAR, Jonathan de Oliveira. **Alteridade: uma noção em construção**. In: Identidade e Pluralidade Cultural. Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares. Vol: 1. Campina Grande: Gráfica União, 2013. p. 37-47.

PRADO, Adélia. **A duração do dia**. São Paulo: Record, 2010.

SALLES, Instituto Moreira (org.) **Adélia Prado – Cadernos de Literatura Brasileira, 9**. Rio de Janeiro: IMS, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Diferença e identidade: currículo multicultural**. In: Identidade e Pluralidade Cultural. Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares. Vol: 1. Campina Grande: Gráfica União, 2013. p. 9-13.

SOARES, Angélica. **(Ex) tensões em Adélia Prado, Helena Parente Cunha e Lya Luft em prosa e em versos**. Ed: 1. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.



**XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES**